

PATRIMÔNIO DF-Muxu

Acervo começa a ser transferido amanhã à tarde para vários museus da capital. Especialistas condenam prédio e advertem que peças valiosas estão se deteriorando com a ação do tempo e variações climáticas

Obras do MAB expostas a riscos

Carlos Vieira/CB



MAL PRESERVADA E EXPOSTA EM LUGAR INADEQUADO, A OBRA *O JARDIM DAS OLIVEIRAS II*, DE MARCO GIANOTTI, EM ALTO-RELEVO, PERDE TEXTURA E SE DEFORMA

co tenta fazer com que o governo resolva problemas de infiltração no prédio e ao mesmo tempo siga padrões de armazenamento adequado das obras. O governo ainda não tem cálculos de valores exatos, mas estima que deverão ser gastos R\$1,2 milhão, só na primeira etapa de reformas.

Sem controle

Para o curador do museu, Bené Fonteles, outro impasse da instituição é o controle do acervo. O

MAB teve obras emprestadas para outros lugares em seus mais de 20 anos de existência. "Não se sabe quantas obras nem mesmo todos os lugares onde há peças do acervo espalhadas", afirmou. O que se sabe ao certo é que há obras importantes na residência oficial do governador, em Águas Claras, na Secretaria de Cultura, Teatro Nacional Cláudio Santoro, Palácio do Buriti e Hospital Regional da Asa Norte (Hran). Dentre as peças, estão obras de Aldemir Martins, Glênio Bian-

chetti e Francisco Rebolo.

A reserva técnica é outro espaço preocupante do museu. Não há climatização adequada, além das janelas de vidro estarem em péssimo estado. De todo o prédio, a área da reserva técnica é a mais prejudicada, porque é a mais exposta a chuvas, ao calor e à secura.

De acordo com Glênio Lima, os riscos para obras em papel e com tinta são imensos. "Deveria ter um trabalho de restauração permanente", disse. Além disso,

a reserva não possui armários adequados para a salvaguarda dos materiais. Algumas obras, por exemplo, não podem ser colocadas em armários de madeira. Não menos preocupante é o salão principal de exposições. Nele é possível visualizar um rasgo numa tela de Tomie Ohtake, de 1975, resultado de descuidos no transporte, além de falta de manutenção em obras de Lygia Pape, Iberê Camargo, Arcângelo Ianelli e Yolanda Mohalyi.

EDMÁ CRISTINA DE GÓIS

DA EQUIPE DO CORREIO

A catalogação e transferência das cerca de 1,2 mil obras do Museu de Arte de Brasília (MAB), interditado no final de semana, serão iniciadas amanhã à tarde. O MAB fechou suas portas no sábado e tem 60 dias para retirar o acervo. Depois disso, deverá ser dado início à reforma de sua infra-estrutura, sem datas nem prazos de término, porque ainda não foi feita licitação para o serviço. As obras de arte serão removidas para o Museu da República, Espaço Cultural Renato Russo, a Galeria Athos Bulcão e o Memorial dos Povos Indígenas. O acervo do museu é avaliado em US\$ 8 milhões, ou cerca de R\$ 16 milhões. A obra *O Jardim das Oliveiras II*, de Marco Giannotti, está se deteriorando devido ao processo de ressecamento provocado por variações de temperatura e luminosidade inadequada.

Segundo o diretor-executivo do MAB, Glênio Lima, o museu sempre funcionou de forma improvisada. A climatização de áreas fundamentais do prédio, como a sala de reserva técnica, nunca saiu do papel. Além disso, o museu não conta com museólogos nem outros profissionais técnicos para dar suporte à instituição. "Temos um prédio, mas sem condições de utilização como museu", reclamou. Lima esclareceu também que a catalogação das peças do museu não foi feita com rigor. Em abril, o Correio havia divulgado a situação de desgaste do prédio e de obras do MAB, em matéria publicada na edição do dia 21.

O pedido de interdição do MAB foi feito pela Promotoria de Defesa do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural (Prodem) do Distrito Federal ao Tribunal de Justiça do DF, que acatou os argumentos de proteção do acervo apresentados pelo MP. Desde 2001, o Ministério Públ-